



ESPAÇOS CULTURAIS EM GOIÁS

Erika Lettry

A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A observação atribuída ao poeta Fernando Pessoa resume com simplicidade a importância que a arte assume em nossas vidas. Não é difícil notar que ela ganha espaço significativo na dinâmica social e, com isso, aumenta também a demanda por novos lugares para abrigá-la.

Nesse sentido, os últimos dez anos foram pródigos em construções significativas. Para ficar apenas em alguns exemplos, basta citar a reformulação do Centro Cultural UFG, no Setor Universitário, e a construção do Centro de Eventos Ricardo Freua Bufaiçal, no Câmpus Samambaia, bem como a construção do Centro Cultural Paulo Afonso Ferreira, do SESI, e do Centro Cultural Oscar Niemeyer (CCON), a inauguração do Centro Municipal de Cultura Goiânia Ouro e a reforma do Teatro Madre Esperança Garrido, além da abertura de auditórios e espaços mais informais.

Os *Cadernos de Estudos Brasileiros* ouviram pessoas diretamente envolvidas com a questão no Estado de Goiás e todas convergiram para o mesmo panorama: os espaços cresceram em número, passaram a se abrir de forma mais ostensiva, mas ainda há muito que ser feito. Isso porque a abertura, a manutenção e a criação de políticas apropriadas para as atividades culturais é um desafio constante para quaisquer entidades e administrações públicas.

Ocupação de artistas goianos

Acompanhando a cena artística desde os anos 80, a ex-repórter do jornal O Popular e hoje assessora de comunicação do Centro Cultural Paulo Afonso Ferreira – Teatro SESI, Valbene Bezerra, afirma que o incremento em relação à infraestrutura no estado foi imenso. Ela lembra que, até a década de 80, havia poucos espaços com finalidade cultural. Uma das raras exceções era o Teatro Goiânia, inaugurado em 1942, que recebia a maior parte das iniciativas.

Somava-se a ele o Centro Cultural Martim Cererê, no Setor Sul, com dois pequenos teatros (Yguá e Pyguá), e o Teatro Rio Vermelho. O primeiro, porém, sem a estrutura adequada para espetáculos teatrais e o segundo, devido ao alto custo, destinava-se apenas a iniciativas de maior porte, especialmente as vindas de fora do estado. “Os grupos goianos nunca tiveram oportunidade de ocupar o Teatro Rio Vermelho por causa do tamanho. Grande demais, caro demais”, afirma Valbene.

Um novo quadro começou a se firmar a partir da entrada do novo milênio. Na avaliação de Valbene Bezerra, surgiu um diferencial: as estruturas passaram a ser ocupadas também pelos artistas locais, preenchendo uma lacuna importante – especialmente por causa do período de quase três anos em que o Teatro Goiânia ficou fechado no final da década de 1990. “Se não tivessem surgido espaços como o Teatro Esperança Garrido, o Teatro da Católica (PUC) ou do próprio SESI, Goiânia teria ficado desprovida de espaço cultural acessível”, acredita.

Entre aqueles locais em que houve uma ocupação efetiva de artistas e produtores locais esteve o Centro Cultural Goiânia Ouro, que foi transformado em espaço cultural em 2006. Antes fora de propriedade de uma família, que gerenciava ali a Galeria Ouro e o Cine Ouro, mas, em 2006, a Secretaria Municipal de Cultural decidiu transformá-lo em local de exibição de filmes, apresentações artísticas com, inclusive, uma loja para vendas de produtos dos artistas.

Ex-diretor cultural do Goiânia Ouro, o jornalista Carlos Brandão ressalta que a demanda goiana passou a ter ali um apoio contínuo. A explicação é que, além de estar voltado para produções menores, a taxa de uso era simbólica. Os artistas pagavam ao Goiânia Ouro apenas 10% do que haviam conseguido em bilheteria. “O Goiânia Ouro serviu de laboratório para muitos grupos que estavam em início de carreira e tinham ali um espaço para se apresentar. Uma grande dificuldade para eles, muitas vezes, é pagar a locação do lugar. Lá eles

pagavam 10% da bilheteria, o que facilitou muito e fez os grupos crescerem e se profissionalizarem”, acredita Brandão.

Novas possibilidades

Em 2009, o Teatro Madre Esperança Garrido veio para firmar-se como uma opção para os produtores que traziam espetáculos de fora do estado. A iniciativa foi conduzida por causa da necessidade de o Colégio Santo Agostinho, que o administra, ter um auditório para suas reuniões e eventos. “No início ele foi pensado como auditório, mas depois se chegou à conclusão de que ele seria melhor aproveitado como teatro”, conta Júlia Eugênia Cury, diretora da escola que acompanhou o processo.

Com isso, toda a estrutura foi repensada e, até hoje, recebe intervenções, de acordo com sugestões de produtores culturais. Pela proposta de auditório, haveria cerca de 500 cadeiras para um espaço multiuso, que poderia ser modificado conforme a necessidade. Estabelecida a ideia do teatro, decidiu-se por 770 poltronas fixas, que depois foram complementadas por mais 15.

A repercussão da abertura do Teatro Madre Esperança Garrido foi grande e hoje ele tem programação quase o ano todo. Júlia Eugênia garante que esta é uma retribuição ao acolhimento que o Colégio Santo Agostinho recebeu na capital. Este ano ele completa 76 anos de existência, enquanto Goiânia festeja aniversário de 80 anos. “Não é no sentido de troca, mas de gratidão. Com isso também proporcionamos aos alunos esse espaço para somar-se à nossa qualidade de ensino”, explica.

Outro teatro que teve grande receptividade logo que inaugurado foi o Centro Cultural Paulo Afonso Ferreira – Teatro SESI, localizado no Setor Santa Geneveva. Com 600 cadeiras – 414 na plateia inferior e 186 na superior – e estrutura para todas as expressões artísticas (teatro, dança, música, circo, exposições de artes plásticas e lançamento literários), em pouco mais de três anos já se tornou referência pela qualidade do que apresenta. “A procura pelo espaço tem sido enorme. Foi uma resposta inesperada”, conta Valbene Bezerra.

Na avaliação da jornalista, a profissionalização de artistas, com destaque para os atores, foi um dos fatores que propiciou essa configuração. “O grande boom foi a criação do curso de Artes Cênicas da UFG. Antes havia muitos grupos de teatro, mas eram amadores”, diz. Valbene acredita que isso ajudou a criar uma plateia cativa, que tem sido absorvida em espaços como o do SESI.

A jornalista faz questão de ressaltar que há ali uma preocupação com a formação do público. Embora a prioridade seja atender aos trabalhadores da indústria, o local abre as portas para a comunidade com preços acessíveis e produções de qualidade. “E estamos procurando fazer uma programação que atenda a pessoas de todos os níveis culturais, mas com qualidade do que é apresentado”, afirma.

Dificuldades

Nem todos os novos espaços se estabeleceram ainda dentro de seu potencial. É o caso do Centro Cultural Oscar Niemeyer (CCON), que foi alvo de polêmicas desde a confecção do projeto e chegou a ficar cerca de seis anos com as obras paralisadas. Idealizado para ocupar espaço na Alameda das Rosas, onde fica o Jardim Zoológico, ou até mesmo no espaço da Estação Ferroviária de Goiânia, próxima à Rodoviária, o CCON acabou sendo levantado na região Sudoeste de Goiânia, em um terreno de 19,6 mil metros quadrados localizado numa área suburbana.

Quem assina a obra é Oscar Niemeyer, que foi convidado inicialmente pelo governador Marconi Perillo para criar o Monumento aos Direitos Humanos. Após algumas conversas a encomenda se ampliou para o centro cultural. Hoje, a unidade, que ainda não está 100% completa, é composta pela biblioteca, pelo Palácio da Música e pelo Museu de Arte Contemporânea (MAC).

Para o atual chefe do gabinete gestor do CCON, Nasr Chaul, o CCON ainda não cumpriu tudo o que prometeu, mas iniciativas têm sido tomadas neste sentido. “Isso é um processo, o CCON ainda está em firmamento”, disse. Ele acredita que, para se fortalecer no cenário de Goiânia, o CCON precisa voltar-se a projetos de inserção nas escolas e também nos setores das atividades culturais de Goiânia. “Mas fundamentalmente oferecer e possibilitar aos produtores culturais que tragam realizações cada vez mais amplas para cá”, explica.

Ainda que incompleto, o CCON já serviu de abrigo para apresentações musicais, festivais de rock como o Bananada, o Vaca Amarela e o Goiânia Noise, além de exposições de artes plásticas com obras de Picasso e Siron Franco.

Manutenção

Flávia Maria Cruvinel, coordenadora de cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFG, reconhece que não apenas novos espaços culturais surgiram, mas aumentou também o protagonismo de produtores e gestores culturais. Para

ela, parte deste cenário deve-se às leis de incentivo, que fomentaram a cultura não só no estado, mas em todo o País. O que ainda falta, de acordo com ela, é uma política mais contínua e maior intervenção do poder público.

Contudo, ela acredita que é preciso também que se aprenda a buscar recursos de diferentes formas, tanto por meio de editais quanto por meio de apoios na iniciativa privada. “O Estado deve investir na cultura, mas é preciso tentar soluções criativas, arranjos com parcerias, esforços coletivos para desempenhar essas funções”, analisa. Esta é a receita, de acordo com ela, para que as unidades de cultura tenham uma programação efetiva e de qualidade.

Para a coordenadora, a UFG desempenha o papel de estar continuamente em contato com os parceiros para seus projetos. Um exemplo marcante é o programa Música no Câmpus, que surgiu para dar uma ocupação efetiva ao Centro de Eventos Ricardo Freua Bufaiçal, instalado no Câmpus Samambaia. Com capacidade para 4 mil pessoas sentadas, o local, inaugurado em 2008, recebe grandes produções de qualidade a preços populares. “Tanto os produtores quanto o público perceberam que nossa programação preenche uma lacuna. São grandes shows a preços acessíveis, com a intenção de mostrar a diversidade e a riqueza da música brasileira em seus vários estilos e gêneros, com artistas reconhecidos”, explica. Entre os nomes que já pisaram no palco estão Lenine, Gilberto Gil, Teresa Cristina, Gal Costa e Rosa Passos.

Carência

As parcerias da UFG com outras entidades foram fundamentais no encaminhamento dos projetos. Desde o início do programa Música no Câmpus, o SESC, para citar um exemplo, encampou a ideia. O Diretor regional do SESC Goiás, Giuglio Settimi, frisa, no entanto, que a unidade, além de apoiadora, tem iniciativas próprias que seguem as diretrizes do departamento nacional.

Ainda que sem um espaço de maior porte para abarcar suas iniciativas – o SESC possui apenas auditórios e anfiteatros em locais como o Setor Universitário, Façalville, Campinas e Centro, mais voltados para o atendimento às escolas –, o diretor conhece bem a infraestrutura cultural em Goiânia, por necessitar buscá-la em muitas ocasiões, e sabe que ainda há o que ser feito.

O SESC Cidadania, por exemplo, surgiu em meio a um período de carência em Goiás. Nascido para atender a escola, com 360 lugares, ele acabou servindo a

atividades culturais. “Quando abrimos em 2004, não havia condições para o teatro no estado. O Teatro Goiânia e o Inacabado estavam fechados. O Rio Vermelho só comporta grandes espetáculos. Então fizemos o auditório para nossas próprias atividades. Ocorre que Goiânia tinha uma carência e nós queríamos despertar a comunidade para a cultura, a arte cênica e musical. Pegamos aquele auditório e começamos a fazer pequenos eventos”, recorda.

Hoje Giuglio já vê a necessidade de um teatro próprio para o SESC. O projeto, em fase embrionária, prevê uma área multicultural não só com estrutura cênica, mas também com lugar para exposições e para a reunião da classe artística. “O ideal é que a gente não alugue os espaços, porque às vezes a gente fica à mercê da programação deles”, revela.

Política cultural

Mesmo com espaços disponíveis para ocupação, uma das maiores dificuldades ainda é a implementação de políticas culturais adequadas. Diretor do Centro Cultural UFG, Carlos Sena explica que, ao assumir o cargo, teve a preocupação com o conteúdo a ser exibido, bem como a formação do público. “A gente não pode cometer o mesmo equívoco do governo do estado, que construiu uma bela casca sem saber o que colocar lá dentro”, critica.

Para atingir os objetivos traçados, o Centro Cultural UFG sofreu transformações nas instalações físicas, com grandes investimentos na reforma e a aquisição de equipamentos nas galerias, no teatro e na sala de dança. Antes de definir sua nova vocação, o local abrigou nos anos 90 o Espaço Cultural da UFG – Oficina de Artes/Núcleo de Coordenação e Apoio às Iniciativas Culturais (Nucaic). Ao final de 1990, o espaço foi reformado e renomeado de Galpão das Artes – Espaço Cultural UFG. Só em 2006 ele se concretizou com a infraestrutura atual, mais complexa, com características arquitetônicas contemporâneas e com qualidade técnica.

Carlos Sena ressalta o perfil antes de assumir a diretoria. “Aqui funcionava como um espaço de cultura, mas depois foi definida uma vocação mais assistencialista. Mas com todo o respeito a este tipo de trabalho, a universidade ficava devendo a formação de um projeto de inclusão cultural”, avalia.

A solução foi reestruturar todo o prédio, que chegou a ser premiado por sua arquitetura, e planejar novas ações. A ideia era equipar o prédio e criar condições para que no local fosse instalado também um museu, o que está em processo

final. Para isso, foram estabelecidos critérios de formação de acervo, conservação, restauração, seleção e disposição.

Carlos Sena criou projetos de ampliação do acervo para o Centro Cultural da UFG. Durante os anos de 2012-13, por exemplo, adquiriu 50 obras importantes de artistas brasileiros contemporâneos, em doações efetuadas por artistas e instituições e por premiações do Salão de Arte Contemporânea do Centro-Oeste, Prêmio Marcantônio Vilaça e Funarte. Entraram também no acervo obras de autores importantes como Beatriz Milhazes, Siron Franco, Leda Catunda e Humberto Espíndola, entre outros. “O Centro Cultural veio preencher uma lacuna tremenda. Os espaços culturais goianienses estavam funcionando de maneira deficitária. As grandes mostras não vinham, não tinham onde serem acomodadas. O Niemeyer não estava funcionando. Nosso pé direito altíssimo, as salas amplas, já permitiam que as exposições de grande porte viessem”, resume.

Além disso, o Centro Cultural da UFG teria de mostrar como característica a abertura à comunidade. No que se refere às artes plásticas, a UFG já comandava a Galeria de Artes da Faculdade de Artes Visuais, no Câmpus Samambaia, porém mais voltada para professores e alunos. A proposta no Centro Cultural da Praça Universitária era estender esta gama também aos moradores da capital. Nesta perspectiva, o Centro Cultural desenvolve parcerias com instituições culturais de diversos setores da produção contemporânea, promovendo uma agenda que engloba palestras, oficinas, workshops, encontros com artistas, dentre outros. “Não é só trazer público e suprir uma carência. A gente trabalha com questões mais profundas, como a formação de memória coletiva. O que estamos fazendo também é abrindo campo para a pesquisa”, diz.